

# Inventar o verdadeiro

Vinicius Spricigo

Texto pela ocasião da exposição *Tudo não invento é falso*.  
Temporada de Projetos PAÇO DAS ARTES, 2019.

Não sei dizer ao certo do que se trata, é incerto, mas vou tentar descrever para vocês. De suas entranhas saem lanças pontiagudas que atravessam tecidos embrulhados. As trouxas de tecido também são atravessadas por galhos e pedaços de pau. Entreabertas, as entranhas expõem as suas vísceras, deixando jorrar fluídos de diversas cores. Das suas extremidades escorrem fios que voltam a se entrelaçar com o conjunto disforme. A descrição pode dar a falsa impressão de uma matéria amorfa ou algo abjeto. Não é disso que se trata. Absolutamente! Tudo foi recolhido com muito cuidado, meticulosamente catalogado e reunido para o deleite do leigo ou para a observação atenta do especialista. As camadas e manchas espessas formam um conjunto equilibrado, precisamente centralizado nas folhas muito brancas. Os desenhos lembram pranchas que ilustram os textos dos livros de ciência. Aquelas que quando criança tentávamos decifrar na escola ou durante o dever de casa. No entanto, aqui não temos o texto explicativo. Falta-nos informações necessárias para a compreensão daquilo que observamos.

Parece-me que os desenhos de Virgílio Neto são erupções cutâneas das nossas cidades, que na medida em que vão se aglutinando formam “cascas”. Superfícies que se transformam e se expandem tomando conta do espaço. Esses desenhos inventam uma realidade, mas de uma maneira bem diferente daquela que estamos acostumados a vivenciar. Ainda vai levar algum tempo para eu poder compreender os significados do que se esconde por detrás dessas superfícies que vão se proliferando pelos desenhos e que formam uma enorme constelação de texturas, formas e tons de cinza. Os elementos que eu pude descrever dos desenhos “miúdos” estão por toda a parte. Nos quintais e grades dos casarões antigos, nas calçadas e nos fundos das fábricas, nas lojas de departamento e nos terrenos baldios. Também estão na nossa memória, nos registros que guardamos em gavetas de armários da nossa infância ou nas câmeras dos telefones móveis que carregamos nos bolsos. Esse guardados normalmente acabam esquecidos em nosso inconsciente e vão ressurgir involuntariamente quando menos esperamos. Eles aparecem para nós como algo que não podemos reconhecer e despertam como imagens enigmáticas.

Aprendemos a confiar naquilo que lemos e desconfiar daquilo que vemos. Consideramos as fotografias como registros fiéis do real, é verdade, mas precisamos lembrar que elas são resultados de aparelhos que guardam em seu interior códigos lineares. A linearidade do discurso revelaria para nós a verdade a despeito de qualquer ambiguidade ou circularidade que as imagens possam conter. Nesse sentido, o conhecimento nos cegou, desconfiamos dos nossos sentidos. Num mundo repleto de imagens estamos desorientados e diante desses desenhos temos somente este texto para nos mediar. Precisamos recobrar os sentidos, voltar a ver, se quisermos reconhecer o mundo de imagens que está à nossa volta. Estamos rodeados por aparelhos que produzem e reproduzem imagens, televisores, computadores, máquinas fotográficas e de ressonância, impressoras de todos os tipos. O número de imagens produzidas por nós é imensamente maior do que a quantidade que podemos interpretar. Talvez por essa razão as ciências contemporâneas estejam desenvolvendo novos métodos para ler as imagens. Assim como os médicos utilizam as imagens para a patologia e a medicina moderna tem as utilizado cada vez mais o diagnóstico de doenças, os cientistas “arqueológicos”, no sentido proposto pelo filósofo Vilém Flusser<sup>1</sup>, devem, assim como faz o artista, reunir e catalogar os sinais e os sintomas do mundo em colapso em que vivemos.

Nos anos 1970, Flusser já chamava a nossa atenção para um dos “chavões” da nossa época. Para ele, a ideia de sociedade do consumo era uma falácia. Somos incapazes de consumir tudo aquilo que produzimos. A sociedade da abundância é também aquela do lixo e esses restos “inconsumíveis” e detritos transbordam nas extremidades quando não podemos mais escondê-los. Segundo o filósofo, somos condicionados por esse lixo que não está presente “deliberadamente”, pois foi recusado, recalçado e esquecido. A arqueologia, a pesquisa do lixo nas palavras de Flusser, pode nos fornecer ferramentas para escavarmos as superfícies criadas por Virgílio Neto, bem como para catalogar e organizar e dissecar os seus “imbroglios”, mas também para nos livrarmos do condicionamento das imagens esquecidas e, com isso, talvez seja possível recuperar e interpretar os seus sentidos mais profundos.

---

<sup>1</sup> FLUSSER, Vilém. ‘A consumidora consumida’, *Comentário*, No.51, 1972.